

Alentejo e Megalitismo...

Percursos de uma investigação já centenária

Leonor ROCHA¹³

Resumo

O estudo do megalitismo alentejano é dos temas que, reconhecidamente, aparecem muito cedo na bibliografia portuguesa. Efetivamente, desde as primeiras referências, ainda no séc. XVI até aos inícios do século XXI, um conjunto significativo de pessoas, desde simples curiosos aos investigadores mais consistentes, se debruçaram sobre estes monumentos demonstrando assim, de forma inequívoca não só a sua importância em termos do imaginário coletivo das populações mas, também, a sua importância para o conhecimento das sociedades que os construíram e utilizaram.

Pretende-se nesta comunicação apresentar alguns destes investigadores e do seu contributo para o conhecimento deste tema, no Alentejo.

Palavras-chave: Megalitismo; Alentejo; Investigação; Vergílio Correia; Manuel Heleno; M^a Conceição Rodrigues

Abstract

The study of megalithics in Alentejo is one of the themes that, admittedly, appears very early in the Portuguese bibliography. Indeed, since the first references, still in the 16th century until the beginning of the 21st century, a significant number of people, from simple curious onlookers to the most consistent researchers, have studied these monuments, thus demonstrating unequivocally not only their importance in terms of the collective imagination of the populations, but also their importance for the knowledge of the societies that built and used them.

The aim of this paper is to present some of these researchers and their contribution to the knowledge of this theme, in Alentejo.

Keywords: Megalithism; Alentejo; Research; Vergílio Correia; Manuel Heleno; M^a Conceição Rodrigues

¹³ Docente Universidade de Évora/ Departamento de História. Investigadora CEAACP/ UALg - UIBD/ ARQ/ 0281/ 2020 – FCT. Orcid: 0000-0003-0555-0960. lrocha@uevora.pt

1. Percursos de uma investigação já centenária

O Alentejo possui, em termos da nossa Herança Cultural, muitos significados pois foi, desde pelo menos a Pré-história Recente, um espaço muito vivido e humanizado e os monumentos megalíticos foram as primeiras arquiteturas a impor-se visualmente **nesta paisagem. Uns mais grandiosos, outros mais liliputianos...alguns conseguiram resistir durante longos milénios, outros sucumbiram no decurso da nossa evolução tecnológica.**

Também, é desde muito cedo que estas construções de pedra fomentam a imaginação das populações mais ou menos eruditas, estimulando no séc. XIX, um pouco por toda a Europa, debates mais amplos sobre as habilidades cognitivas dos seus construtores, esse homem pré-histórico então considerado como totalmente primitivo.

A investigação sobre o megalitismo alentejano inicia-se, de forma incipiente, na 2ª metade do século XIX, com trabalhos sobretudo de recolha de espólios ou de simples referências, dispersas, a monumentos nesta região. A partir da primeira década do século XX, a sua história passa a estar amplamente entrelaçada com a do Museu de Etnologia, que necessita de construir uma memória nacional, investindo em sítios/regiões para concretizar os seus objetivos. Assim, durante o séc. XX até aos inícios do século XXI, um conjunto significativo de pessoas, desde simples curiosos aos investigadores mais consistentes, se debruçaram sobre estes monumentos demonstrando, de forma inequívoca não só a sua importância em termos do imaginário coletivo das populações mas, também, a sua importância para o conhecimento das sociedades que os construíram e utilizaram. Todos eles, com os seus trabalhos, contribuíram para o evoluir do conhecimento do megalitismo alentejano e, não sendo possível no âmbito deste trabalho falar do contributo de cada um, escolheram-se três que, como veremos, cada um à sua maneira, foi importante para esta matéria.

2. Vergílio Correia (1888-1944)

Vergílio Correia Pinto da Fonseca nasceu na Régua, em 1888, licenciou-se em Direito (1911) e doutorou-se em Letras (1935), na Universidade de Coimbra. Trabalhou nos museus Etnológico Português (1912-1915) e Nacional de Arte Antiga, onde ocupou o cargo de Conservador (1915-1921). A partir de 1921 volta à Universidade de Coimbra, como professor de História de Arte e, a partir de 1923, de Arqueologia. Em 1929 fica

também a dirigir o Museu Machado de Castro e, em 1937, assume também a direção do Jornal *Diário de Coimbra*. O seu trabalho e vasta produção científica nas áreas da Arqueologia, História de Arte, Museologia e Etnografia tornam V. Correia um nome de referência, na 1ª metade do Século XX.

Mas, as primeiras décadas do séc. XX, foram também fortemente influenciadas por um clima de agitação política, social, económica e cultural, traduzindo como seria expectável, num avivar dos nacionalismos, com reflexos diretos na investigação arqueológica que se centra na "procura das origens". Nesta perspetiva, um pouco por toda a Europa, os conceitos de raça e a ideia de que a nacionalidade era algo de biológico, está patente na investigação realizada e, naturalmente, também em algumas das obras de V. Correia.

O seu trabalho em torno do megalitismo alentejano inicia-se com um acaso pois este tema não era, dentro da Arqueologia, o seu preferido – o cerne da sua investigação estará centrado no período romano. Efetivamente, a sua ida para o concelho de Mora deveu-se a uma conversa informal com um amigo (Correia, 1914, 1921), natural de Pavia, à referência a um monumento destruído, a espólios que seria necessário recolher para o Museu Etnológico... **E, a partir desta história, simples, V. Correia irá ficar de forma indelével para sempre marcado como o primeiro investigador português que realiza um estudo sistemático, numa área perfeitamente delimitada, de um conjunto de monumentos megalíticos.** A obra publicada em 1921, "*El Neolítico de Pavia*", apresenta os resultados dos trabalhos realizados entre abril de 2014 e 2018 na freguesia de Pavia, onde identifica e escava dezenas de monumentos megalíticos funerários e alguns locais de habitat, sendo o mais paradigmático o Castelo de Pavia. Esta obra acaba por ser a sua única monografia.

Independentemente das críticas que outros investigadores, como Manuel Heleno e Irisalva Moita, possam apontar ao seu trabalho, dois aspetos devemos salientar e validar: i) o seu carácter pioneiro neste tipo de estudos; ii) o papel social dos seus trabalhos, nesta altura, neste Alentejo profundo.

Efetivamente, V. Correia desenvolve os seus trabalhos entre 1914 e 1918, período que coincide com a 1ª Guerra Mundial onde, como sabemos, Portugal participou ativamente enviando muitos homens para a frente de combate, em França. Nesta fase, existia também outra prática, posteriormente abandonada pelas graves implicações que acabou por ter neste conflito que seria a de constituir batalhões com pessoas

oriundas todas da mesma aldeia/ região. Este planeamento tático parece natural, quando pensamos que se está a enviar um conjunto significativo de soldados para uma terra desconhecida, para exercerem um trabalho para o qual não estão preparados (nem motivados) mas que, como contrapartida, estariam com os seus pares, os seus amigos, os seus conhecidos. O problema foi que batalhões inteiros foram mortos e aldeias e vilas, de uma mesma região, acabaram por perder, num único evento, todos os seus homens.



Figura 1. Trabalhos no Castelo de Pavia.
(Fotos de V. Correia sobre chapa de vidro. Coleção Vergílio Correia)



Figura 2. Adro da Junta de Freguesia de Pavia.
(Fotos de V. Correia sobre chapa de vidro. Coleção Vergílio Correia)

Pavia era uma aldeia quase em homens, como se pode ver nas várias fotografias que constituem o acervo fotográfico de V. Correia (Fig.2). Eram as mulheres e as crianças (estas a brincar ou a guardar rebanhos), as mães que necessitavam de trabalho para poderem alimentar os seus filhos, e é isso que os trabalhos de V. Correia lhes vem oferecer (Fig.1). Trabalho remunerado, pois o Museu Etnológico dispunha de verbas para pagar aos trabalhadores rurais que executavam as escavações.

V. Correia foi essencial para a investigação do megalitismo alentejano nestas primeiras décadas do século XX, V. Correia foi essencial pelo apoio social dado a esta população.



Figura 3. Crianças pastores na anta da Caeira. (Foto de V. Correia sobre chapa de vidro. Coleção Vergílio Correia)

3. Manuel Heleno (1894-1970)



Figura 4. Caricatura de Francisco Valença, sobre os trabalhos de M. Heleno no Alentejo (1933).

Manuel Domingues Heleno Júnior nasceu em Leiria, em 1894. Licenciou-se em História e Geografia na Faculdade de Letras de Lisboa, interessa-se ainda pelos cursos de Direito e de Bibliotecário-Arquivista, onde faz algumas unidades curriculares e começa a sua vida profissional como professor nos Liceus Passos Manuel e Camões. Em 1923 entra como Assistente na Faculdade de Letras de Lisboa, em 1930 passa a Professor Auxiliar, em 1933 defende doutoramento e passa a seguir a Professor Catedrático. Da mesma instituição onde acabada por exercer outros cargos de gestão, também. A partir de 1921 ocupa igualmente o cargo de Conservador de Museu Etnológico e, a partir de 1929 assume a sua direção, cargo que manteve até 1964, ano em que se reforma.

Manuel Heleno foi, durante a sua vida ativa e nas décadas seguintes, um investigador pouco consensual dentro da comunidade arqueológica devido, por um lado ao seu carácter e, por outro, aos cargos e poder que cedo assumiu na Arqueologia portuguesa. Quinze anos depois da estada de V. Correia por Pavia (Mora), Manuel Heleno (1933) retoma os trabalhos em torno do megalitismo funerário no Alentejo ficando com um **domínio quase que absoluto desta investigação, durante algum tempo...**

Escavou muito, pouco ou nada publicou, sobretudo no que se refere ao megalitismo alentejano (Rocha, 2005). Assume publicamente que a sua vinda para o Alentejo tem **por objetivo verificar e corrigir o “mau trabalho” realizado por V. Correia. Entre 1930 e 1939** identifica e escava centenas de monumentos megalíticos nos concelhos de Montemor-o-Novo, Coruche, Mora, Arraiolos e Estremoz. Movia-o a crença que o megalitismo surgiu a partir de uma evolução das populações mesolíticas, localizadas nos concheiros do Tejo e do Sado. Para comprovar esta teoria necessitava, pois, de intervencionar o maior número possível de monumentos de diferentes arquiteturas para poder analisar e comparar com os espólios existentes. Este era, sem dúvida, um verdadeiro projeto de investigação, mas demasiado hercúleo para M. Heleno que, devido aos seus afazeres profissionais não podia estar em permanência no Alentejo. Os monumentos intervencionados a um ritmo louco (no ano de 1933 foram mais de 50) geravam volumes de espólios que era impossível tratar e analisar no Museu Etnológico, para onde eram enviados e ficavam encerrados porque, apesar de não lhe ser humanamente possível realizar essa tarefa, M. Heleno também não a confiava a ninguém. A chave para a compreensão do aparecimento e evolução do megalitismo **teria de ser uma descoberta apenas sua...atolado de dados, M. Heleno sucumbiu...não**

tratou, não publicou e escondeu de todos os resultados obtidos criando à sua volta um mito: ele tinha a chave para resolver o mistério e um dia, todos saberiam, quando tivessem acesso aos materiais e aos seus Cadernos de Campo. Três décadas após a sua morte o Museu Nacional de Arqueologia consegue finalmente adquirir estes **Cadernos, fazer corresponder códigos a sítios, alocar espólios a monumentos...mas o mistério não estava resolvido porque poucos são os monumentos que resistiram intocáveis ao passar dos séculos e dos milénios. Foram construídos, usados, visitados, reutilizados, violados, destruídos...os seus espólios reportam-nos histórias intensas que, eventualmente, poderiam ter sido melhor compreendidas se ele estivesse estado presente, se tivesse observado minuciosamente as estratigrafias, se...**

M. Heleno ficou, pois, também ele, para sempre, associado à história do megalitismo alentejano (Rocha, 2005). Pelas suas ideias, pela procura das origens, pelos mitos que criou e alimentou, mas, também, porque com este trabalho registou dezenas de monumentos que, entretanto, foram destruídos pela mecanização da agricultura. Sem o seu trabalho árduo de registo, teríamos perdido informação sobre a existência de um grande número de monumentos.

4. M^a da Conceição Monteiro Rodrigues

Maria da Conceição Monteiro Rodrigues é, dentro do escasso conjunto de mulheres que trabalharam em megalitismo no decurso do séc. XX a mais enigmática, a que acabou por passar mais despercebida, não obstante o grande valor que os seus trabalhos nos aportam ainda hoje.

Ao contrário de V. Correia e M. Heleno que tiveram um percurso de vida muito público, M^a Conceição Rodrigues foi recatada, pouco ou nada sabemos sobre a sua vida.

O seu trabalho visa a obtenção de dados, de informação científica não através de novas intervenções arqueológicas, mas, **do que destas se possa extrair ... dos conhecimentos que cada trabalho deve efetivamente produzir** *“A Arqueologia prática pressupõe um contacto regular e directo com os primeiros achados, sendo o arqueólogo que a pratica responsável pela transformação desse material numa informação tratada e transmitida nos arquivos e reportagens. (.../...) Contudo, o que se observa é que o produto final denominado “conhecimento arqueológico” fica muito aquém dos dados originais sobre o qual ele é fundamentado. Isto deve-se ao facto da informação gerada pela arqueologia prática ser, em*

geral, descritiva. O arqueólogo regista num caderno de campo uma amostra extraída de uma população que existiu e selecciona os atributos que pensa serem significativos. A ausência de algumas referências a tais atributos não significa que eles não sejam observáveis mas simplesmente essa informação encontra-se omissa”. (Rodrigues, 1992: 285)

M^a C. Rodrigues identifica assim um dos grandes problemas da arqueologia portuguesa, a incapacidade de se obter informação a partir dos dados coligidos pelos arqueólogos nos seus trabalhos. E, para resolver este problema, ela propõe o recurso às tecnologias informáticas, à inteligência artificial, pois só desta forma se pode criar **uma linguagem uniformizada, com critérios explícitos** “o arqueólogo vê-se obrigado a clarificar e precisar a informação bem como o procedimento adoptado” (Idem, Ibidem: 286), limitando assim o que ela designa por “análise criativa” .

O seu contributo para a arqueologia em geral e para o estudo do megalitismo, em particular, foi o tema central da sua dissertação de doutoramento e, na publicação de livros e artigos que propõem a utilização de tecnologia informáticas no estudo das pinturas, da descrição de monumentos megalíticos, no estudo das placas de xisto, etc.

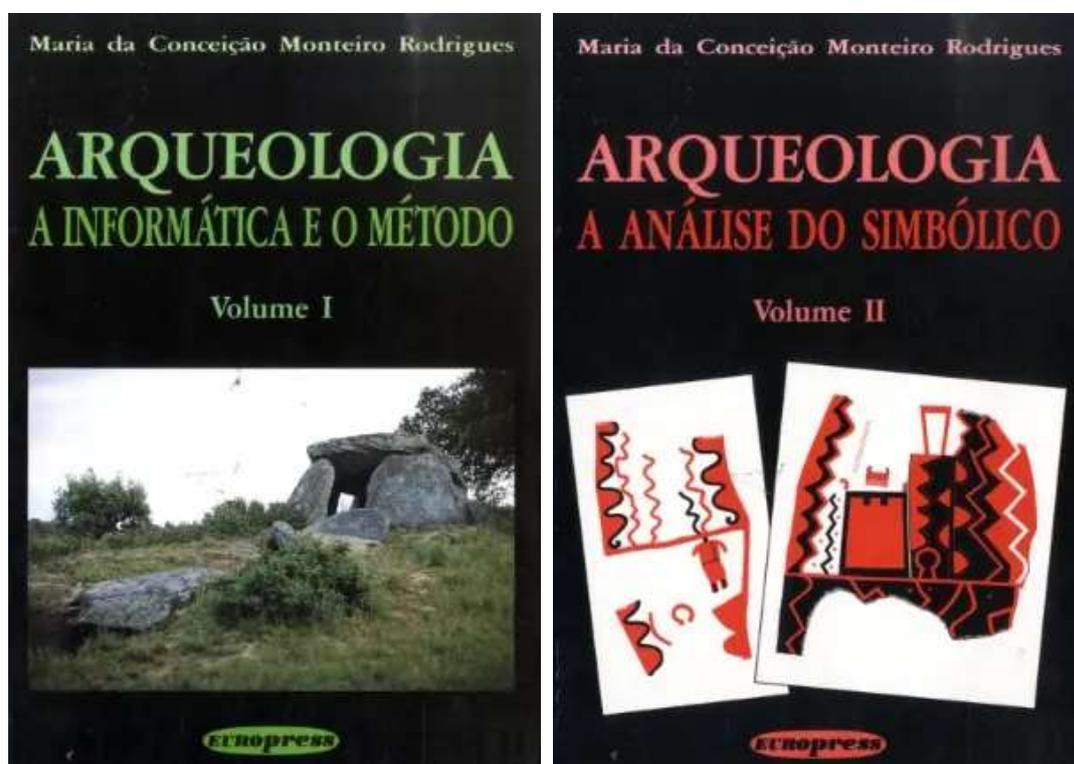


Figura 5 e 6. Publicações de M^a da Conceição M. Rodrigues

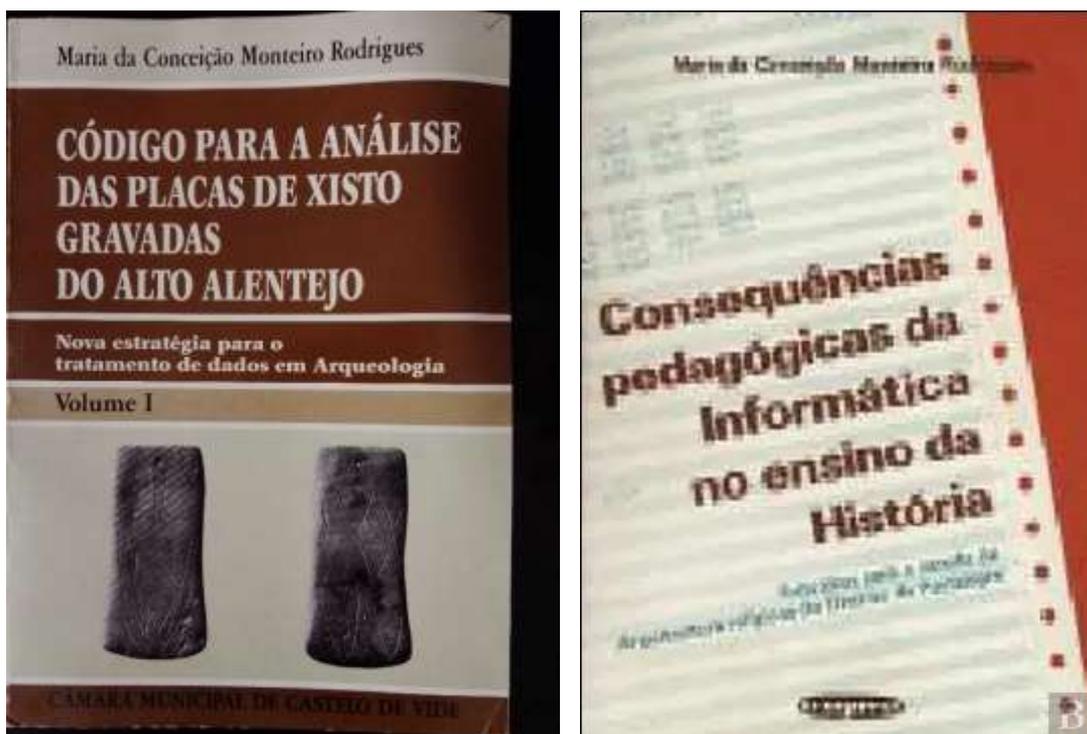


Figura 7 e 8. Publicações de M^a da Conceição M. Rodrigues

Mais de três décadas depois, continuamos a propor a utilização de tecnologias informáticas para o estudo do megalitismo (Santos, 2018) uma vez que os problemas identificados por M^a Conceição Rodrigues continuam tão ativos, como naquela época. O seu contributo para o estudo do megalitismo alentejano foi meritório, mas infelizmente, as suas propostas acabaram por cair no esquecimento da maioria da comunidade arqueológica.

Bibliografia

- CORREIA, V. (1914) – Crónica. Excursões arqueológicas ao Alentejo. *O Archeólogo Português*. 19. 1^a Série. Lisboa, p. 189-192
- CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas. 27.
- ROCHA, L. (1999) - *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História Regional*. Setúbal: Regiset.
- ROCHA, L. (2005) - *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa: FLL (Tese de doutoramento policopiada).

- ROCHA, L. (2016) - Percorrendo antigos [e recentes] trilhos do Megalitismo Alentejano. Terra e Água. Escolher Sementes, invocar a Deusa. *Estudos & Memórias*. 9. Lisboa, p. 167-177.
- RODRIGUES, M^a C. M. (1979) – *A informática ao serviço da História da Arte e da Arqueologia. Subsídios para um inventário artístico de Castelo de Vide*. Lisboa: Assembleia Distrital de Portalegre.
- RODRIGUES, M^a C. M. (1981) – *Consequências Pedagógicas da Informática no Ensino da História Subsídios para o estudo da arquitectura religiosa do distrito de Portalegre*. Europress.
- RODRIGUES, M^a C. M. (1986) – *Código para a Análise das Placas de Xisto Gravadas do Alto Alentejo. Nova estratégia para o tratamento de dados em Arqueologia*. I. Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- RODRIGUES, M^a C. M. (1988) - A imaginação simbólica na Proto-História. Mensagem das Pinturas do Monumento de Antelas. *Congresso Peninsular de História Antiga*. Santiago de Compostela, p. 353-380.
- RODRIGUES, M^a C. M. (1989) - O computador e a representação dos conhecimentos em Arqueologia. *Boletim da Associação Portuguesa de História e Informática*. 2. Coimbra, p. 21-3
- RODRIGUES, M^a C. M. (1990) – *A Arqueologia - A Informática e o Método. Volume I*. Europress.
- RODRIGUES, M^a C. M. (1991) – *Arqueologia - A Análise do Simbólico. Volume II*. Europress.
- RODRIGUES, M^a C. M. (1992) – *A utilização do computador na arqueologia prática*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa
- SANTOS, I. (2018) - *Um Atlas Digital para o Megalitismo: uma Infraestrutura de Dados Espaciais (Sudoeste da Península Ibérica)*. Évora: Universidade de Évora (tese de mestrado). [em linha] <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/24266>